MÉRTOLA

MÉRTOLA

TEXTO E FOTOGRAFIAS Santiago Macias

FOTOGRAFIA DE ABERTURA (BARCO) José Pereira

DESENHOS *Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*
(Arquivo Nacional da Torre do Tombo)

DESIGN GRÁFICO TVM Designers

TRADUÇÃO Badr Hassanein

IMPRESSÃO E ACABAMENTO AGIR – Produções Gráficas, Lda.

EDIÇÃO Câmara Municipal de Mértola, Mértola, 2023

TIRAGEM 500 exemplares

ISBN 978-989-8640-16-1

DEPÓSITO LEGAL 514720/23

Festival Islâmico de Mértola, 2023

MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

"*Mértola está hoje muito decaída* do esplendor d'outr'ora, e só pela sua posição topográfica, entre a Betica e a Lusitania, na margem do Anas, e a pouca distancia da foz, se explica esse esplendor, porquanto é terra arida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo. Todavia passaram ali todas ou quasi todas as civilizações da nossa terra. […] Alem das investigações que Estácio da Veiga empreendeu, e das poucas coisas que fiz até agora, é necessário prosseguir com muito afan no estudo da antiga Mértola, para esta se poder conhecer mais miudamente: há ainda muita cousa enterrada, que é conveniente trazer á luz".

O texto tem mais de 100 anos. Com ele, José Leite de Vasconcelos via, ao longe, chegar o futuro. Caberia à arqueologia resgatar o esplendor de outrora e tornar evidente a riqueza e a glória de um sítio esquecido.

Mértola foi o rio e o que está à sua volta. Na terra nua de arvoredo havia cobre e prata. Pelo porto da cidade passavam os minérios arrancados à terra. A miragem do Jardim das Hespérides chamou pessoas de longe. Já antes da era de Cristo era assim. Muita gente se espalhou pelos cerros do sul do Alentejo em busca da fortuna. Mértola já então era o grande porto de toda a região. Para norte, ficavam os ricos campos de Beja, a grande capital do sul. Para este e para oeste estavam os territórios mineiros.

A cidade romana de Myrtilis foi imponente, mas dela pouco resta. Nem fórum, nem basílicas, nem templos. Ficaram as pedras dos grandes edifícios públicos. Tudo foi desmontado, quando o Império morreu e os seus símbolos se tornaram inúteis. A que espantoso edifício terão pertencido os silhares de granito que vemos nas muralhas, na torre do rio e nas escavações, em coisas que outrora estiveram enterradas e que a arqueologia trouxe à luz do dia?

Quando o Império morreu, a cidade foi desmantelada ao poucos. Manteve-se o mito do jardim das maçãs de ouro e continuou a chegar gente. Vieram da Líbia e do Levante. Trouxeram a língua grega. Chegaram judeus, com as suas menorás. Daqui partiam aventureiros. Como o soldado Lucius Messius Fructus, que no início do século II foi morrer à tunisina Capsa, a mais de 1500 quilómetros da sua terra natal. Aos poucos, ao longo dos séculos V e VI, Mértola foi ganhando novos monumentos. Onde hoje está a rua principal houve um mausoléu. Fora das muralhas havia basílicas funerárias. Dentro de portas construíram-se batistérios e celebrou-se a vida. A cidade dos vivos e a cidade dos mortos tinham muros a separá-las.

Até ao século XIII Mértola foi o último porto do Mediterrâneo. As águas mais calmas do grande mar interior prolongavam-se até ao Cabo de C. Vicente. Subiam-se o Guadiana, o Gilão e o Arade. Os mareantes que cruzavam as Colunas de Hércules tinham no golfo entre Anafé e a costa algarvia um derradeiro mar conhecido. A partir daí, garantia Avieno, entrava-se nas "águas salgadas do Oceano povoado de monstros".

No século XIII, cortaram-se os laços com o Mediterrâneo. O som da língua árabe deixou de se ouvir. Os judeus partiram, levando o hebraico e o comércio. A mesquita tornou-se igreja, a almenara foi coroada com um campanário. O chamamento à oração calou-se, por muitos séculos. Mértola fechava-se sobre si. O tempo tornou-se mais lento, até parar por completo.

Olhamos em volta e continuamos a ver a mesma terra árida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo. Quando nos aproximamos, vindos de sul, rio acima, são a imagem e a solidez da rocha que se impõem. Passada a foz do Oeiras, chega-se ao porto. Vemos o xisto da torre do rio, com silhares e mármore à mistura, a linha escura da muralha que

ladeia o rio, pedra e mais pedra na paisagem com pouca vegetação. A brancura da cal assoma detrás dos muros, mas a partir do rio pouco se vê ainda.

A cidade tinha duas entradas bem protegidas. A segurança estava dentro daqueles muros. A sul, a porta escondia-se detrás da torre do rio. A norte, havia outra porta. Marcava o início do caminho para Beja, cruzando os antigos cemitérios e perdendo-se para lá de Bab al-Madiq, a passagem estreito junto ao atual Cerro da Forca.

Vai para 45 anos que a História de Mértola começou a ser desenterrada. A arqueologia é um *puzzle* sempre impreciso e incompleto. A arqueologia é o silêncio dos sítios e sempre mais perguntas que respostas. Da enorme basílica funerária do Rossio do Carmo restam um pequeno troço da nave central, uma parte do coro e fragmentos do pavimento. Havia duas ábsides e não resta nenhuma. Ali se enterrou gente, uns de nomes estranhos, como Leopardus ou Restitutus, outros familiares e atuais, como Fortunata ou Britto. 13 séculos se passaram- A basílica foi abandonada. Aos mortos cristãos sucederam os muçulmanos. As famílias eram as mesmas, a religião era outra.

Entremos em Mértola. Um dédalo de ruas replica a trama de outros tempos. A minha cidade é um *suq* onde o comércio renasce de tempos a tempos. E onde volta a haver mercados e um rumor bafado de muitas vozes. A minha cidade é feita de ruas estreitas e misteriosas, com pouca luz, de casas sem idade e onde o tempo não corre. O desenho das ruas da minha cidade direita-esquerda-direita é um jogo de crianças traçando um labirinto. Os becos de hoje, de paredes erguidas, não são diferentes dos que a arqueologia, no seu afã, trouxe à luz do dia.

Antes da arqueologia não eram visíveis as casas, os pátios, as ruas ou os muros da cidade islâmica. Muito menos se sabia que um dia apareceriam os mosaicos da área religiosa da cidade. Num sítio de destaque, olhando os cerros a norte construiu-se uma

basílica, e batistérios e um criptopórtico. Do oriente vieram artesãos. Trouxeram animais exóticos, fontes da vida e representações míticas. Aquilo que aprenderam em Gaza, em Jerash, em Hawarte, em Oum Hartaïne, em Khan Khaldé e em Qabr Hiram aqui o replicaram. A menorá de Mértola é igual a uma, da mesma época, que foi encontrada em Antioquia. Fecha-se o círculo mediterrânico. De leste vieram, aqui se encontraram. Um mundo de sofisticação. Os artesãos pintavam com pequenas pedras coloridas, que davam forma a todas as fantasias. Durante 300 anos ali se praticavam rituais de um cristianismo antigo que o tempo apagou.

Quando o bairro se construiu, em meados do século XII, nada desse antigo palácio era visível. Talvez se pressentisse a grandeza de algum dos seus edifícios, mas não mais que isso. As novas construções islâmicas eram mais pobres, uma mistura de vida rural e espaço urbano. Daqui aos palácios sevilhanos ou granadinos vai mais que algumas centenas de quilómetros de distância. A vida do bairro foi curta, menos de um século. Os cavaleiros da Ordem de Santiago varreram casas, mesquitas e mercados. As habitações da alcáçova forma abandonadas e esquecidas. O terreno que ocupavam foi aplanado. Nascia ali o novo cemitério de Mértola.

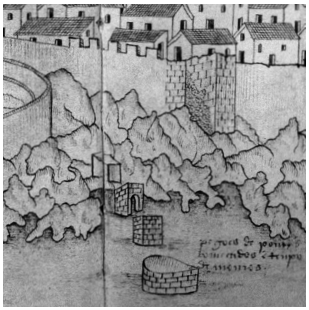
Foi preciso que chegassem os arqueólogos para que a História despertasse. Ali se retomou o estudo da antiga Mértola, e esta começou a ser conhecida mais miudamente. Aos poucos, surgiram muros e mais muros. E largas centenas de sepulturas. Aos poucos, as plantas das casas foram-se tornando mais claras. Um compartimento, depois outro, aqui era a entrada, ali ficava o pátio, mais além a cozinha. As casas são agora um jogo de imaginação. O seu desenho morreu com o tempo. Mas os adobes, a taipa, as pedras, a telha, a cal são os mesmos. Das casas restam agora muros, quebrados pelas sepulturas dos cristãos que chegaram a Mértola a partir do século XIII.

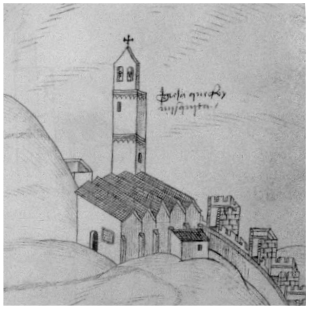
Na quietude da tarde, no silêncio do calor, podemos fechar os olhos e ver o passado. As casas do bairro islâmico voltaram a ter muros. Lá dentro voltou a haver gente. A frescura do solo e a brancura da cal regressaram e refazem a memória do sítio. Os pátios das casas são o centro do mundo e é à volta deles que belas mulheres rodopiam, envoltas em túnicas e em perfumes. Abrimos os olhos e desaparecem de novo os muros das casas, e ficamos sós, entre o que resta das ruínas.

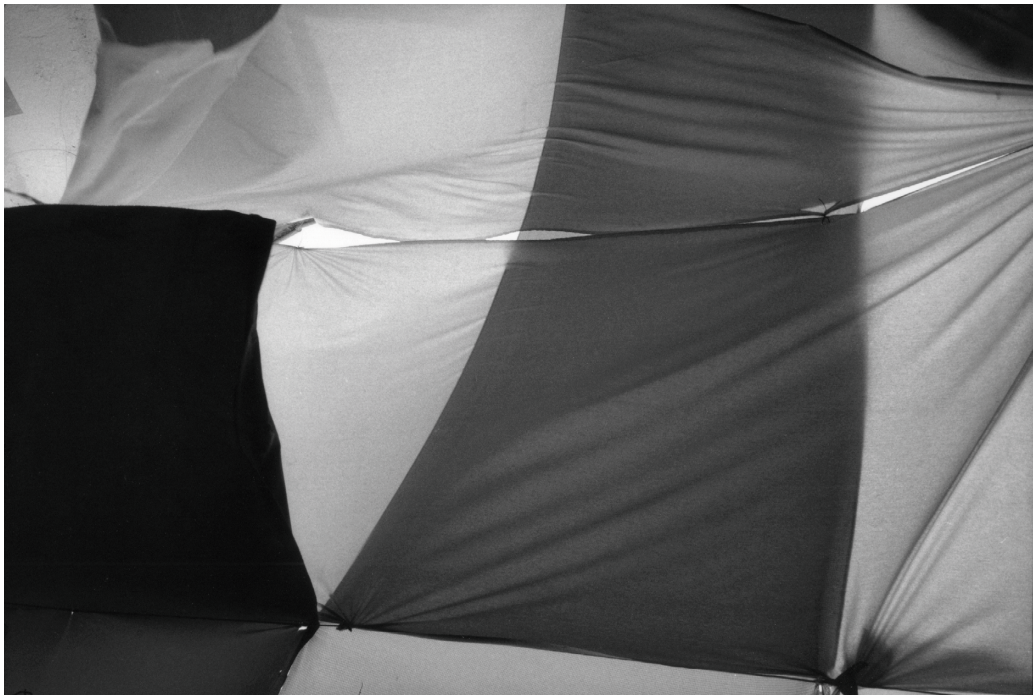
Quando Duarte Darmas aqui passou, no início do século XVI, já não havia mosaicos orientais, nem casas com pátios nem se falava árabe ou hebraico. Mértola já não era cosmopolita e o seu mundo tornara-se mais pequeno. Os minérios, redescobertos no século XIX, iriam passar à margem do seu porto e dos seus habitantes. O controle dos circuitos comerciais fizera a riqueza da Mértola antiga. O capitalismo se encarregou de escoar os minérios e de fazer a riqueza de outros.

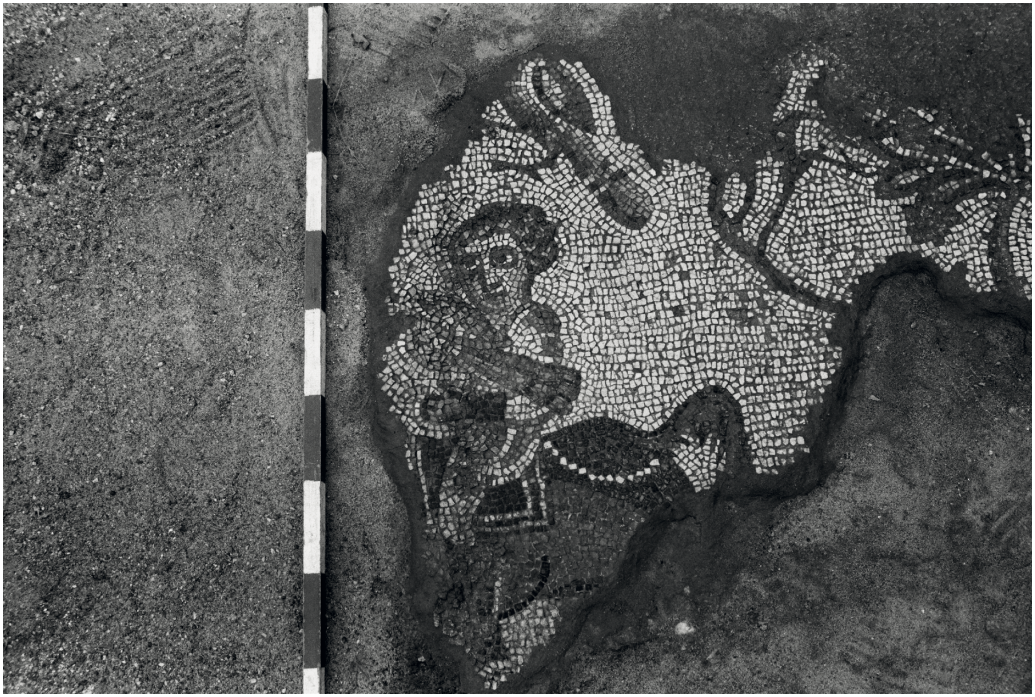
"Mértola é o mais forte castelo que há no termo de Beja", escrevia ar-Razi no século X. E acrescentava que "Mértola jaz sobre o rio de Odiana; e é mui antigo castelo e há aí edifícios antigos". Quando deixamos a cidade, rio abaixo, em direção ao sul, é de ar-Razi que nos lembramos. Vista ao longe, Mértola tem essa aura intemporal.

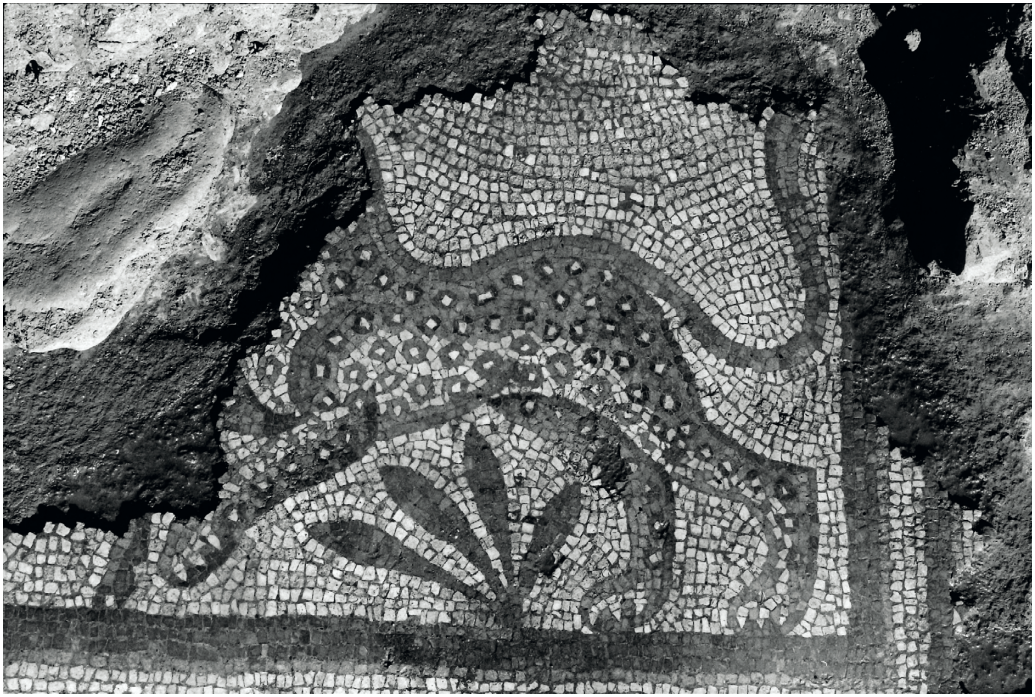
É a imagem das muralhas que fica para trás, quando se desce o rio. Numa fotografia antiga vê-se um barco, que parece um *dhow* e que parece adornar. Ao fundo, está Mértola, numa vista difusa. Vista do rio, ao longe, a imagem da cidade não seria assim tão diferente. A paisagem era terra árida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo. A monotonia das rochas não podia ser mais flagrante com o colorido e a vibração da sua história. É uma história antiga, que se começou a escrever não se sabe quando, tal como desconhecemos o dia em que estará terminada.











عندما مرّ دوارتي دارماش من هنا، في بداية القرن السادس عشر، لم تعد هناك قطع فسيفساء شرقية، ولا منازل بها أفنية، ولا أحد يتحدث العربية أو العبرية. لم تعد مارتلة عالمية وأصبح عالمها أصغر. المعادن التي أُعيد اكتشافها في القرن التاسع عشر، كانت تمر على هامش مينائها وسكانها. كان التحكم في دوائر التجارة سبب ثراء مارتلة القديمة. تولّت الرأسمالية إفراغ المناجم من معادنها وإثراء آخرين.

كتب الرازي في القرن العاشر: "مارتلة هي أقوى قلعة على حدود باجة". وأضاف أن "مارتلة تقع على نهر أوديانا. وهي قلعة قديمة جدا ويوجد بها مبانٍ قديمة". عندما نغادر المدينة، والنهر أسفلنا، متجهين جنوبا، فإن الرازي هو مَن نتذكره. عندما تُرى من بعيد تملك مارتلة هذه الهالة الخالدة فعلا.

صورة الأسوار هي التي تبقى في الخلف عندما ننزل إلى النهر. في صورةٍ قديمة يُرى قاربٌ يبدو وكأنه زورق، ويبدو أنه مزّين. في الخلفية توجد مارتلة في مشهد منتشر. عند النظر اليها من النهر، من بعيد، لن تكون صورة المدينة مختلفة كثيرا. كانت المناظر الطبيعية أرضا قاحلة مغطاة بصخور حزينة وخالية من الأشجار. رتابة الصخور صارخةٌ مقارنةً بلون وحيوية تاريخها. إنه تاريخ قديم لا أحد يعرف متى شُرِع في كتابته، مثلما لا نعرف اليوم الذي سينتهي فيه.

قاموا بتكراره هنا. شمعدان مارتلة مشابه لآخر، من نفس الفترة، تم العثور عليه في أنطاكية. تُغلق دائرة البحر الأبيض المتوسط. من الشرق جاؤوا وهنا التقوا. عالم من الرقي. كان الحرفيون يرسمون بحجارة ملونة صغيرة، تجسد كافة التخيلات. لمدة 300 عام، كانت تُمارس هناك طقوس مسيحية قديمة قد طواها الزمن.

عندما تم بناء الحي، في منتصف القرن الثاني عشر، لم يكن أي شيء من هذا القصر القديم مرئيا. ربما استشعر المرء عظمة أحد مبانيه، لكن ليس أكثر من ذلك. كانت الأبنية الإسلامية الجديدة أكثر فقراً، وهي مزيج من الحياة الريفية والحضرية. من هنا إلى قصور إشبيلية أو غرناطة لا تتعدى المسافة أكثر من بضع مئات من الكيلومترات. كانت حياة الحي قصيرة، أقل من قرن. اجتاح فرسان سانتياغو المنازل والمساجد والأسواق. جرى هجر المساكن في قلعة القصبة وطواها النسيان. سُويت الأرض التي كانت تشغلها، وشُيدت عليها مدافن مارتلة الجديدة.

كان من الضروري وصول الأثريين حتى يستيقظ التاريخ. هناك، استؤنفت دراسة مارتلة القديمة، وبدأت المدينة تُعرف بشكل أكثر تفصيلا. رويدا رويدا بدأت تتكشف جدرانٌ تليها جدران، ومئات من المقابر. تدريجيا، أصبحت مخططات المنازل أكثر وضوحا. غرفة واحدة، ثم غرفة أخرى، هنا كان المدخل، هناك كان الفناء، خلفه كان المطبخ. البيوت الآن لعبة خيال. مات رسمها مع مرور الوقت. لكن الطوب والتربة المضغوطة والحجارة والقرميد والجير هو نفسه. من المنازل بقيت جدرانٌ، كسرّتها قبور المسيحيين الذين وصلوا إلى مرتلة بدءاً من القرن الثالث عشر.

في سكون وقت الأصيل، في صمت الطقس الحار، يمكننا أن نغلق أعيننا ونرى الماضي. منازل الحي الإسلامي أصبح لها جدران مجددا. في الداخل أصبح هناك أناس مرة أخرى. عادت نضارة التربة وبياض الجير وأعادوا صنع ذاكرة المكان. ساحات المنازل هي مركز العالم، ومن حولها تدور نساء جميلات، تحتويهن عباءات وتغمرهن عطور. نفتح أعيننا وتختفي جدران البيوت مرة ثانية، ونبقى وحدنا بين ما تبقى من الأنقاض.

كان للمدينة مدخلان محميان جيدا، كان الأمن داخل تلك الجدران. إلى الجنوب، كان الباب مختفيا خلف برج النهر. إلى الشمال كان هناك باب آخر. كان يمثل بداية الطريق إلى باجة ويعبر المقابر القديمة إلى باب المضيق، الممر الضيق بجوار سيرو دا فوركا الحالي.

مرت 45 عاما منذ أن شُرِع في إماطة اللثام عن تاريخ مارتلة. تمثل الحفريات لغزا ودائما ما تكون غير دقيقة وغير مكتملة. الحفريات هي صمت المواقع ودائما ما تكون الأسئلة أكثر من الإجابات. من البازيليكا الجنائزية الضخمة في روسيو دو كارمو لم يتبق سوى جزء صغير من الصحن المركزي وجزء من الجوقة وقطع من الأرضية. كان هناك اثنان من الأبراج لم يبق منهما شيء. هناك جرى دفن أشخاص، بعضهم بأسماء غريبة، مثل ليوباردوس (Leopardus) أو ريستيتوتوس (Restitutus)، والبعض الآخر مألوف وحديث، مثل فورتوناتا (Fortunata) أو بريتو (Britto). مرت 13 قرنا. تم هجر الكاتدرائية. المسيحيون الموتى جاء بعدهم المسلمون. كانت العائلات هي ذاتها، وكان الدين مختلفا.

لندخل مارتلة إذن. متاهة من الشوارع تحاكي متاهات العصور الأخرى. مدينتي سوقٌ تنتعش فيه التجارة من وقت لآخر، وفيها تعود الأسواق والغمغمة بأصوات عديدة. مدينتي تتألف من شوارع ضيقة وغامضة، مع القليل من الضوء، من منازل بلا عمر لا يمر فيها الوقت. تصميم شوارع مدينتي - يمين يسار يمين - هي لعبة أطفال ترسم متاهة. أزقة اليوم، بجدرانها المنتصبة، لا تختلف عن الأزقة التي أماطت عنها اللثام الحفريات في شغفها.

قبل الحفريات، لم تكن بيوت أو أفنية أو شوارع أو أسوار المدينة الإسلامية مرئية. لم يكن أحد يعلم أنه في يوم من الأيام ستظهر قطع فسيفساء المنطقة الدينية في المدينة. في مكان بارز، يطل على التلال إلى الشمال، تم بناء بازيليكا، ومعمودية وغاليري خفي. من الشرق جاء الحرفيون. أحضروا حيوانات غريبة ومصادر للحياة وتصورات أسطورية. ما تعلموه في غزة وجرش وهوارة وأم حرتين وخان خلدة وقبر حيرام،

عندما ماتت الإمبراطورية، تم تفكيك المدينة رويدا رويدا. جرى الحفاظ على أسطورة (حديقة التفاح الذهبي) واستمر وصول الناس. جاءوا من ليبيا والشام. أحضروا اللغة الإغريقية. وصل اليهود مع شمعداناتهم. من هنا رحل مغامرون، مثل الجندي لوسيوس ميسيوس فروكتوس (Lucius Messius Fructus) ، الذي مات في بداية القرن الثاني في قفصة التونسية، على بعد أكثر من 1500 كيلومتر من مسقط رأسه. تدريجيا، على امتداد القرنين الخامس والسادس، اكتسبت مارتلة آثارا جديدة. حيث يوجد الشارع الرئيسي اليوم كان هناك ضريح، وخارج الجدران كانت مباني البازيليكا الجنائزية. داخل البوابات، تم بناء المعموديات والاحتفال بالحياة. كانت أسوارٌ تفصل بين مدينة الأحياء ومدينة الموتى.

حتى القرن الثالث عشر كانت مارتلة آخر ميناء للبحر الأبيض المتوسط. كانت المياه الهادئة للبحر الداخلي الكبير تمتد إلى كابو دي ساو فيسنتيه، وتصعد إلى أنهار غواديانا و جيلاو وأراديه. كان يوجد أمام البحارة الذين يعبرون أعمدة هرقل، في الخليج بين الدار البيضاء وساحل الغارف، آخر بحر معروف. من هناك، وكما يقول أفيينو (Avieno)، يدخل المرء "المياه المالحة للمحيط المأهول بالوحوش".

في القرن الثالث عشر، انقطعت الأواصر مع البحر الأبيض المتوسط. توقف سماع أصوات اللغة العربية. رحل اليهود وأخذوا العبرية والتجارة معهم. أصبح المسجد كنيسة، وتوجت المنارة ببرج جرس. صمتَ صوت الأذان لقرون عديدة، وكانت مارتلة تنغلق على نفسها. تباطأ الوقت حتى توقف تماما.

ننظر حولنا وما زلنا نرى نفس الأرض القاحلة، المغطاة بأحجار حزينة وخالية من الأشجار. عندما نقترب، قادمين من الجنوب، من أعلى النهر، فإن صورة الصخور وصلابتها هي التي تفرض نفسها. بعد تجاوز مصب أويراش، نصل إلى الميناء. نرى صخرة برج النهر، مع خليط من الحَجَر المُشَذَّب والرخام، الخط الغامق للجدار الذي يحد النهر، وحجارة تليها أخرى في المنظر الطبيعي القليل النباتات. يلوح بياض الجير خلف الجدران، ويمكن رؤية القليل منه من النهر.

مارتلة اليوم أقل بهاءً بكثير مما كانت عليه في الماضي، وفقط موقعها الطبوغرافي، بين بيتيكا ولوسيتانيا، على شاطئ نهر أناس والمسافة القصيرة من المصب هي التي تُفسر هذا البهاء، لأنها أرض قاحلة، تغطيها صخور حزينة وخالية من الأشجار. ومع ذلك، مرت من هنا كل حضارات أرضنا تقريبا. [...] بالإضافة إلى الأبحاث التي أجراها إستاسيو دا فيغا (Estácio da Veiga) والأشياء القليلة التي قمتُ بها حتى الآن، فمن الضروري الاستمرار بحماس كبير في دراسة مارتلة القديمة، حتى يمكن التعرف عليها بشكل أكثر تفصيلا: ما تزال هناك أشياء كثيرة مدفونة، ومن المناسب تسليط الضوء عليها".

هذا النص عمره أكثر من 100 عام، ومعه، كان جوزيه ليتي دي فاشكونسيلوش يستشرف المستقبل من بعيد. سيكون على أعمال الحفريات مهمة إنقاذ روعة الماضي وإظهار ثراء ومجد موقعٍ يعاني من النسيان.

مارتلة كانت هي النهر وما حوله. في الأرض الخالية من الأشجار كان هناك نحاس وفضة، وعبر ميناء المدينة كانت تمر المعادن المستخرجة من باطن الأرض. جذب سراب (حديقة إيشبيريدش) الناس من كل حدب وصوب. كان هذا هو الحال حتى قبل عصر المسيح. انتشر الكثير من الناس عبر تلال جنوب الينتيجو بحثا عن الثروة. كانت مارتلة آنذاك الميناء الكبير للمنطقة بأسرها. إلى الشمال كانت توجد حقول باجة الغنية، عاصمة الجنوب الكبيرة، وإلى الشرق والغرب كانت توجد أراضي المناجم.

كانت مدينة ميرتيليس (Myrtilis) الرومانية مهيبة، لكن لم يبق منها سوى القليل. لا ساحة عامة ولا بازيليكا ولا معابد. بقيت حجارة المباني العامة الضخمة. تم تفكيك كل شيء عندما ماتت الإمبراطورية وأصبحت رموزها غير مجدية. تُرى ما هو البناء المهيب الذي انتمت إليه أحجار الجرانيت التي نراها في الأسوار، وفي برج النهر وفي الحفريات، في أشياء كانت في الماضي مدفونة وأحضرها الأثريون إلى دائرة الضوء؟

النص والصور: سانتياغو ماسياش

صورة الغلاف: جوزيه بيريرا

الرسومات: كتاب القلاع (Livro das Fortalezas) **، دوارتي دارماش (الأرشيف الوطني للوثائق والمخطوطات توريه دو تومبو)**

تصميم غرافيك: ت ف م ديزاينرز TVM Designers

الترجمة إلى اللغة العربية: بدر يونس يوسف حسنين

التجهيز للطباعة والطباعة والتنضيب: AGIR – Produções Gráficas, Lda.

إصدار: المجلس البلدي لمدينة مارتلة، 2023

عدد النسخ: 500 **نسخة**

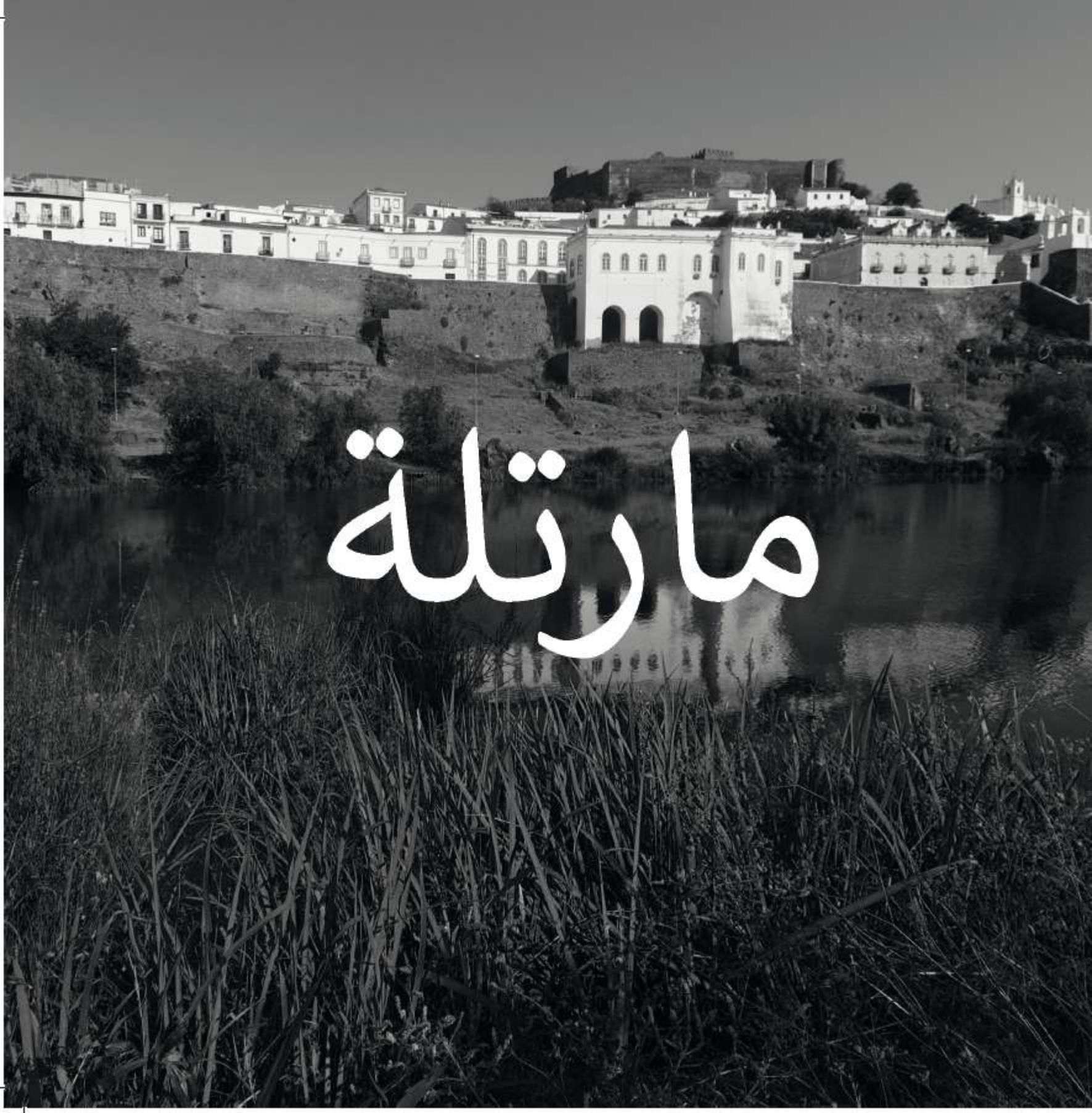
ردم: 978-989-8640-16-1

رقم الإيداع: 514720/23

مهرجان مارتلة الإسلامي، 2023

MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL

مارتلة


مارتلة